

[Comunicación corta]

A dimensão semiótica e as perspectivas sociológicas e comportamentais em *Laranja Mecânica*

ÂNGELA SOWA

ALINE MARCIANO NARCISO

CRISTOVÃO DOMINGOS DE ALMEIDA

Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

São Borja Rio Grande do Sul, Brasil



Resumo: Nesse estudo é feito uma análise semiótica do filme *Laranja Mecânica* lançado em 1971 de Stanley Kubrick. O filme trata de um jovem infrator que recebe um tratamento psicológico para sua reabilitação, que não foi bem sucedida já que a violência do jovem foi apenas reprimida. É feito um levantamento bibliográfico e análises de resenhas e do filme para a construção do posicionamento a partir de ideias sociológicas e comportamentais, uma vez que o filme envolvia tais constatações. Sendo assim, entendemos a magnitude que o diretor apresenta em um filme nada convencional para a sua época, representando uma quebra de paradigma. Por isso, constatamos que o roteiro do filme faz uma crítica ao sistema vigente justamente por não dar conta de reintroduzir um indivíduo no meio da sociedade hipócrita.

Palavras-chave: Filme – Sociologia – Violência – Semiótica.

[Comunicación corta]

La dimensión semiótica y las perspectivas sociológicas y comportamentales en *La naranja mecánica*

Resumen: En este estudio se presenta un análisis semiótico del film *La naranja mecánica* estrenada en 1971 de Stanley Kubrick. La película trata sobre un joven delincuente que recibe un tratamiento psicológico para su rehabilitación, que no tuvo éxito debido a que la violencia del joven fue apenas reprimida. Se hizo una revisión de la literatura y análisis de reseñas del film para construir un posicionamiento a partir de ideas sociológicas y comportamentales, ya que la película incluía tales cuestiones. Por lo tanto, entendemos la magnitud de lo que el director tiene en cuenta en una película poco convencional para su época, lo que representa un cambio de paradigma. Constatamos que el guión hace una crítica al sistema vigente justamente Por lo tanto, encontramos que el guión critica el sistema actual, ya que no puede volver a insertar a un individuo en una sociedad hipócrita.

Palabras clave: Filme – Sociología – Violencia – Semiótica.

[Short Communication]

The Semiotic Dimension and the Sociological and Behavioral Perspectives in the movie *Clockwork Orange*

Summary: This study is a semiotic analysis of the film *The Clockwork Orange* launched in 1971 by Stanley Kubrick. The film is about a young offender who receives a psychological treatment for his rehabilitation, which is not successful because his violence is barely repressed. It is a bibliographic survey and an analysis of reviews and the film to construct its positioning from the sociological ideas and behavior as the film involves such observations. For that reason, we can understand the magnitude that the director has in an unconventional film for its time, representing a paradigm's rupture/break. Therefore, we found that the screenplay criticizes the current system because it is unable to reinsert an individual into a hypocritical society.

Key words: Movie – Sociology – Violence – Semiotic.

1 Introdução

Em meados dos anos 70, a sociedade estava sendo marcada por revoluções, guerras e reestruturação social, sendo considerada a era do individualismo. Os jovens estavam buscando sua liberdade, junto a manifestações comportamentais que quebravam os paradigmas da sociedade conservadora. Surgiam as tribos, como os hippies e os punks que chocavam por sua ideologia diferente e libertina, além da caracterização visual que os faziam ser reconhecidos facilmente.

Os conceitos se modificavam, a mulher reivindicava seu espaço em uma sociedade que a tratava com submissão, formando o movimento feminista que explodia em várias regiões do mundo ocidental. Elas clamavam por igualdade e pelo fim da discriminação, se tornando mulheres politizadas, encorajando-se uma as outras a se tornarem mulheres pró-ativas, intelectuais e reflexivas sobre as questões sociais no mundo.

Outro aspecto da década é a recreativização do ecstasy, já que a droga começou a ser consumida nesse tempo. Antes tendo um objetivo de inibir o apetite, ela se tornou a «droga do amor», pois aumentava o interesse sexual sendo usada em danceterias e festas noturnas, reforçando o lema das tribos da época, «sexo, drogas e *rock'n roll*».

Seguindo esse lema, os jovens dos anos 70 foram considerados a primeira geração sexualmente ativa com a ajuda do feminismo, já que as mulheres começaram a valorizar a sensualidade e o atrativo, gerando competição por parte dos homens. Elas pararam de se preocupar com a virgindade, tão preciosa na sociedade conservadora e dominada pelos dogmas da igreja, pois com o surgimento da pílula anticoncepcional não havia mais o risco de engravidarem.

Surgiu nesse período uma crise econômica que estagnava a Inglaterra, por causa da inflação. Essa crise ocasionou no fechamento das fábricas que antes fomentavam a expansão da revolução industrial, consequentemente, trazendo desemprego para jovens sem formação especializada, mulheres, trabalhadores imigrantes e funcionários de indústrias tradicionais.

No cinema, os filmes se tornaram mais psicológicos, se preocupando em retratar os problemas do seu público alvo, o jovem. Ocorrendo uma libertação para tratar de assuntos sexuais, trazendo erotismo como ferramenta para atrair o público. Surgindo nomes como: Woody Allen, Stanley Kubrick, Francis Coppola, Martin Scorsese, que são diretores conceituados até os nossos dias.

Caminhando com essa reestruturação social, temos o diretor Stanley Kubrick, que marcou época nos anos 70 com seu filme *Laranja Mecânica* que retrata tribos ultra-violentas em uma sociedade pós-apocalíptica de valores éticos e morais. Apontando uma sociedade que auto se destruiria por exigir um condicionamento psicológico para seguir restrições comportamentais impostas

pela sociedade, muitas vezes não condicionando por ser certo ou errado, sendo uma política puramente moralista.

Analisando esse filme, buscamos entender por meio dos princípios da significação semiótica, o que ele retrata da sociedade dos anos 70, qual a perspectiva que se tinha em relação ao futuro e se esses comportamentos se têm reflexos em nossos dias.

2 Alex, um jovem rebelde

O diretor constrói com detalhes o ambiente social em que Alex, jovem rico e sem previsão para o futuro, vive dando um ar exótico e ameaçador ao filme. Kubrick usa aspectos representativos para demonstrar práticas dos conceitos de «patologia social» de Durkheim. Já que seus personagens principais vivem em uma sociedade doente ao mesmo tempo que são patologias sociais dentro dessa sociedade. Porém Kubrick não considerou normal a patologia social de Alex e sua gangue, como Durkheim a coloca na sociedade.

No filme, Alex e seu bando têm um comportamento ultra-violento e foram vítimas da sociedade em que vivem para posteriormente passarem a serem o problema dessa sociedade que não soube tratá-lo.

O autor deixa clara a imagem arrogante e explosiva de Alex, acompanhado do olhar fixo de confronto que ele faz quando escuta uma mulher cantando a *Nona Sinfonia* de Beethoven e *Singing in the Rain*, as duas músicas antes tinham ar de pureza e beleza passaram a ter alusão a violência com a incrível interpretação de Alex que as usavam para excitar seus momentos violentos. Ressaltando isso, Warley Rodrigues Belo afirma que:

Imagens agressivas, reforçadas pelos contrapontos musicais aliado ao «código» Nadsat usado por Alex e seus camaradas, fazem do filme de Kubrick um quebra-cabeças cujas peças se amoldam em um todo poético mesmo sendo um universo imensamente controverso e violento (Belo 2001:1).

O filme tem uma linguagem própria, uma espécie de inglês futurista que seria uma mistura de inglês, russo e gírias da época. O diretor tomou esse cuidado porque se trata de um futuro onde provavelmente haveria mudanças linguísticas e também aguçar o lado exótico do filme, sendo necessário analisar para entendermos o seu contexto e as suas críticas potenciais. Nesse sentido Lucia Santaella diz:

(...) aparente dominância da língua provoca em nós que, na maior parte das vezes, não chegamos a tomar consciência de que o nosso estar-no-mundo, como indivíduos sociais que somos, é mediado por uma rede

intrincada e plural de linguagem, isto é, que nos comunicamos também através da leitura e/ou produção de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; que somos também leitores e/ou produtores de dimensões e direções de linhas, traços, cores (Santaella 1983:9).

O início das cenas do filme são imagens congeladas, mas ao mesmo com pequenos detalhes de movimentação de respiração. O niilismo presente no filme, o balanço nos valores, a posição de que o governo não soube cuidar do indivíduo e que ele foi “engolido” pela própria sociedade. O contexto de futuro apocalíptico com uma sátira social demonstra uma visão de sociedade destruída por seus valores vendo cada um como indivíduo paralelo sem futuras resoluções de problemas por um erro na sua própria moral social. Para Carreiro:

O enredo de *Laranja Mecânica* gira em torno do jovem Alex Delarge (Malcolm McDowell), líder de uma gangue juvenil em uma Inglaterra situada em um futuro incerto. Esse futuro é um caos, estranha e premonitoriamente parecido com o século XXI; mas parece uma terra de ninguém, onde a polícia que combate os jovens arruaceiros é formada por esses mesmos sujeitos, depois que eles envelhecem. Com isso, Kubrick deseja nos dizer que a violência institucional e legalizada da polícia é uma outra face da mesma violência que, a princípio, parecia ser uma manifestação irresponsável e adolescente de rebelião contra os valores estabelecidos. Alex mora com os pais, não tem interesse pela escola, cria uma jiboia no quarto. Vive basicamente à noite, quando sai com sua gangue; todos vestidos de branco, com cílios postiços, uma curiosa espécie de cueca de boxeador sobre as calças. O grupo de Alex é viciado em ultraviolência (leia-se espancar mendigos, invadir residências ricas e estuprar mulheres). Dorme de dia, bebe leite aditivado por uma misteriosa droga excitante à noite. Acima de tudo isso, Alex ama também a música de Beethoven, especialmente a Nona Sinfonia.¹

O jovem Alex é uma releitura figurada de um jovem dos anos 70, ele vive aos extremos, tem sede pelo novo e proibido, na verdade nada é proibido para ele. O leite é aditivado com nada mais do que o ecstasy, o que nos trás essa certeza é a excitação sexual causada por ele, que o faz estuprar mulheres e cometer atos horrendos. Kubrick, o diretor do filme, contextualiza a droga em um momento muito oportuno, pois foi exatamente quando os jovens a descobriram como um estimulante.

¹ Cfr. CARREIRO Rodrigo, «Mundo futurista analógico de Stanley Kubrick faz sátira social intensa e complexa», CINE REPORTER, *Críticas [on line]*, (acesso 03.04.12), disponível em: <<http://www.cinereporter.com.br/criticas/laranja-mecanica/>>

Na gangue de Alex vemos uma representação do que seriam as tribos ideológicas e musicais dos anos 70, todos têm algo em comum como, por exemplo, as roupas usadas. No filme existem outras gangues além da de Alex, havendo uma rixa entre elas, assim como existiam entre hippies e punks. Podemos afirmar que Alex é uma representação cyber punk, com a exceção do fato de que não existe uma ideologia por trás de sua gangue, eles são movidos a violência e por isso a cometem.

Assim como o que diferenciava as tribos dos anos 70, o que chama atenção em Alex e sua gangue é o vestuário. As roupas da gangue são brancas, mas representa o ameaçador, como proteção de boxe colocada com um teor sexual, as abotoaduras em forma de olhos nos punhos que representam o que «tudo vê», poder pelas mãos que seria a visão do líder sobre a violência. O chapéu coco e a maquiagem usada lembram imagens circenses e deixam Alex tanto feminilizado, quanto masculinizado, ou seja, um ser híbrido..

2.1 O vermelho inunda o Laranja

No filme, dentre os aspectos que mais chamam a atenção são as predominâncias das cores: vermelho, preto, branco. Essas cores aparecem em diversas formas e cenas por diversos motivos, mas sempre prendendo a atenção e passando sensações de angústia e suspense. O vermelho remete ao perigo, o violento, a raiva, o preto remete a morte, trevas, escuridão e o branco podem ser considerados a luz, calma, paz como também na cultura oriental retrata tristeza até o luto.

O filme começa com uma tela vermelha e um silêncio seguido pela música de suspense, passando para uma apresentação do filme e paralisando no busto do personagem principal, Alex, nessa imagem nota-se a respiração dele. O vermelho precede as características que posteriormente seriam refletidas em Alex, e seu caráter violento

Logo após apresenta-se o ponto de encontro da sua gangue e os integrantes dela. Esse local é uma leiteria chamada «Moloko», que significa leiteria no idioma do filme, como mesa são usados manequins femininos em forma de ponte que representam a submissão feminina na sociedade vigente, elas são brancas e se diferenciam pela cor da peruca. As paredes são pretas com palavras brancas e a iluminação é feita por sequências de lâmpadas na vertical, realçando a riqueza em detalhes do cenário. O leite sai do seio de uma manequim e a alavanca está abaixo das partes íntimas enfatizando intensamente a alusão sexual que a mulher tem no filme, usada como mero objeto.

Na leiteria eles decidem o que irão fazer em cada noite, sendo que um dos crimes cometidos nessa noite foi o que acarretou no aprisionamento do Alex, pois o depoimento dado pelo escritor e sua esposa ao jornal local foi o que

alertou a dona do Spa, que ao ouvir o pedido de ajuda o identificou como suspeito e o avisou a polícia.

Sendo traído pela sua gangue, Alex finalmente é capturado pela polícia em que seu carisma e sua facilidade em comunicar não são mais eficazes, é, então, condenado pelos seus crimes. Alex foi enganado pelos seus amigos, pois esses já não o mais queriam como líder, pois ele abusava de sua autoridade, conseguindo o que desejava por uso da força e da persuasão. Agora, sob custódia da justiça, ele é obrigado a submeter-se a vontade dela, sofrendo represálias físicas por parte das autoridades. Diante disso, podemos considerar, a partir do olhar semiótico que a ultra-violência provocada pela excitação é o signo, sendo os personagens, Alex e sua gangue, o interpretante e a prisão do mesmo, o objeto dinâmico do enredo.

2.2 O preto inunda o Laranja

O jovem Alex é preso e condenado a 14 anos de prisão por crime de assassinato, mas até essa etapa ele ainda mantinha a identidade vitimizada, afirmando ter sido injustiçado por um julgamento muito exigente. Nessas cenas, Alex usa um uniforme preto, com uma faixa vermelha no braço que lembra o partido nazista, nas roupas a predominância é da cor preta, que agora toma o lugar do vermelho em cada detalhe do cenário. Agora Alex, procura benesses na igreja, finge passar-se por doutrinado e exemplar, conquistando um lugar privilegiado no conceito do capelão, mas mesmo assim continua sem fé na religião. Apesar de mostrar pleno interesse na bíblia, o que lhe agrada não é o amor, doutrina e palavras cristãs, mas sim as histórias como a paixão de cristo ou os bacanais romanos onde ele se imaginava sempre a figura do opressor.

Um próximo passo de Alex é pedir ajuda ao pastor para ser inserido em um programa experimental de reabilitação social, para que possa sair rapidamente da prisão, e como o programado conseguiu após uma visita do ministro do interior na prisão. Ele irá passar por tratamentos sobre uma nova política governamental de transformar o «mal no bem», com o objetivo de sair sem ter mais um comportamento violento. Diante disso podemos perceber:

- *Signo*: Religião
- *Interpretante*: Alex
- *Objeto dinâmico*: A religião é usada como um objeto que o protagonista tira proveito.

2.3 Branco inunda o Laranja

Na terceira parte do filme, Alex é submetido a um tratamento, ele é levado até uma clínica chamada Ludovico, onde começara uma sessão vendo filmes que

retratam a violência, cenas que ele assiste com prazer. Após seis ou sete filmes, Alex começou a se sentir mal vendo aquelas cenas, contendo estreitas semelhanças aos delitos cometidos por ele anteriormente, mas como seus olhos estavam presos por grampos e estava com uma camisa de força, não havia como escapar.

A droga usada pelos médicos ocasionava em uma paralisia, maximizando a sensação de impotência sentida pelo protagonista, agora incapaz de se defender. Porém, o ápice foi quando no filme associaram a Nona Sinfonia de Beethoven ao Nazismo, mostrando cenas da guerra e Alemanha nazista com essa trilha sonora, Alex se sentiu extremamente mal, chamando de «pecado», pois a música era o que ele realmente gostava, o médico encarou como uma punição. Nessa cena, o músico é associado ao nazismo, deixando uma dúvida sobre o porque dessa ligação, também a casos que acusam uma ligação com o fascismo.

Após 15 dias de tratamento, Alex é apresentado a autoridades como curado, sendo exposto em um palco a diversas situações que não o faziam perder o controle, dentre elas está a agressão moral e física, exposição a uma mulher nua e seu lado sexual, ele sofria enjoos e passava mal toda vez que tentava agir de alguma forma violenta. Está confirmada a cura de Alex, ou melhor, a incapacidade de escolha e de defesa. Sobre tais acontecimentos, podemos aproximá-los da ideia de Lucia Santaella:

Toda definição acabada é uma espécie de morte, porque sendo fechada, mata justo a inquietação e a curiosidade que nos impulsionam para coisas que, vivas, palpitam e pulsam (1983:9).

Diante disso, no filme Alex não perdeu seus impulsos e palpitações, elas apenas estavam reprimidas. Foi nesse ponto que o tratamento errou, pois a única maneira de acabar com os extintos de alguém é matando-o. Alex estava vivo e seu caráter em nada havia sido modificado, portanto ainda era portador de seus extintos, só que estava sem poder de escolhas, comprovando com a fala do Capelão:

O rapaz não tem escolha na verdade, tem? O interesse próprio, o medo da dor física, levaram-no a esse grotesco ato de auto-humilhação. A sua falsidade ficou evidente. Ele deixou de ser um malfeitor, mas deixa também de ser capaz de escolhas morais (Burgess 1962 (2004):53).

Alex agora está livre, mas não encontrou suporte nenhuma para sua reintegração na sociedade, nem casa mais tinha, pois seus pais o haviam

substituído por um inquilino que alugou seu quarto. Ele era apenas mais um dentro de todo um universo social, considerando que não podia sofrer nenhum tipo de atitude violenta, pois não havia possibilidade de se defender.

Émile Durkheim e John B. Watson defendiam a ideia de que o homem era um animal selvagem que aprendia a viver socialmente ao observar o funcionamento das instituições e o comportamento alheio. No entanto, ambos estudiosos afirmavam que todo indivíduo possuía desejos próprios que o distinguiam dos demais indivíduos. E, portanto, Alex, no final do filme, não nos surpreende ao nos reafirmar os seus desejos primitivos.²

Todos os atos cometidos por ele e sua gangue, agora estão sendo revertidos, como quando ele apanha do mendigo que um dia ele bateu ou quando pede ajuda ao homem que antes havia espancado e estuprado sua mulher. Nessa cena o homem identifica Alex depois de ter ouvido ele cantar *Singing in the rain* durante o banho, o homem dá sonífero para Alex e o tranca no sótão fazendo ouvir em alto volume a *Nona Sinfonia*, esperando que Alex se suicide pulando da janela, e ele tentou. Conforme a teoria de Durkheim, o homem comete suicídio por se sentir inaceito pela sociedade, por se sentir excluído e oprimido.

A tentativa de suicídio é propositalmente relacionada a falha no tratamento imposto pelo governo atual ganhando destaque na mídia após se envolver nessa politicamente com o partido opositor, ele consegue a reversão de seu tratamento, voltando a ser o indivíduo maléfico que era.

Essa última parte é repleta de detalhes brancos, até pelo aspecto do ambiente ser uma clínica, que lembra muito a pureza, o bem que os profissionais buscam adicionar na vida de Alex. No final, as cores se misturam e retomar a predominância do vermelho, branco e preto levando-nos a pensar que não houve mudanças significativas, pois Alex continuou com as mesmas intransigências da fase inicial do filme. Destacando que:

- *Signo*: Pureza e o Bem
- *Interpretante*: Alex e sua «cura»
- *Objeto Dinâmico*: Clínica Ludovico, falha na ideologia do tratamento, indefesa sobre atos violentos.

Essas três fases analisadas foram importantes para perceber a sua significação a partir da teoria de Pierce, concluindo que como primeiridade temos as características iniciais do filme, a aura sufocante que faz ele te

² Cfr. JUNIOR, Jurdiney da Costa Pereira. «Laranja mecânica: patologia social e Behaviorismo», [on line], 2011, (acesso 28.02.2012), Disponível em: <www.filosofilmes.blogspot.com.br>

prender. As cores como um só, a criatividade que nota-se nos cenários e algumas características de Alex e sua gangue. Como secundidade estão as cenas que passam a identificar fatos cotidianos, agora sim nota-se as três cores principais, a atmosfera que mantém um suspense, toda alusão a violência e cada característica das roupas, adereços, personalidade dos personagens. E na terceiridade fazemos a última ligação, o que nos faz pensar e achar Alex e sua gangue tão perversos. É quando colocamos nossa moral e percebemos a violência que nos atinge de alguma forma.

Podemos perceber que a partir do conceito durkheimiano de coersão social, Alex deixou de ir contra o fato social, e se tornou um estereotipo perfeito dessa coersão, um estereotipo fajuto, pois se tornou vitima do extremismo de preceitos sociais de passifismo, tornando-se mais do que um indivíduo que sublimamente fazia suas escolhas segundo os fatos sociais, partindo para um indivíduo que desaprendeu a pensar na possibilidade de infringir leis e seguir uma conduta delinquente.

Nesse contexto José E. Faria supõe:

(...) a coerção pode ser física ou simbólica. Ela é física quando emanada de um poder hierarquicamente organizado e localizado nas instituições formais do Estado. E é simbólica quando inerente às interações sociais presentes na família, na fábrica, no escritório, na escola, na igreja, no clube etc. Enquanto a coerção física é centralizada pelo poder jurídico-político, isto é, pela repressão monopolizada pelo Estado e disciplinada sob a forma de leis e códigos, a coerção simbólica entreabre um feixe aberto de relações de força produzidas nas menores unidades do sistema social e expressas sob a forma de práticas religiosas, tradições familiares, regulamentos de clubes, regimentos de escolas, sistemas de organização e métodos nas fábricas etc. Ou seja: a coerção está associada a um vasto poder informal, invisível e indistinto, móvel e múltiplo – em suma: sem localização específica (Faria 1988:127).

Seguindo uma análise sobre a «cura» de Alex, nas ultimas cenas se vê demonstrações de como a sociedade em que Alex vive é imoral, como na cena em que o médico e a enfermeira estão transando ao lado da maca de Alex, valores imorais se contrapondo com uma pessoa que não pode ter aquela prática justamente por ter passado por um processo de maximização moral. As sensações passada está fortemente infiltrada nas palavras de Paulo Menezes:

Se ali não estivéssemos vendo o olho azul de Alex — que lhe dá um ar angelical ao mesmo tempo em que suas expressões o transformam em algo demoníaco que, curiosamente, também é ao mesmo tempo diabolicamente atraente — mas o rosto mal barbeado e sujo de Billy Boy,

seguramente nossa reação seria muito diferente. Kubrick está nos fazendo passar por um processo semelhante ao que ele está promovendo em Alex. (Menezes 1997:72)

Durante a conclusão do tratamento de Alex, Kubrick faz com que o público reflita sobre o que é moral, quando vemos Alex sofrer durante um tratamento bruto, sofrendo imposições de imagem para que façam analogias antiviolença, observamos como a sociedade está infiltrada em valores imorais, característica do tratamento de Alex e das pessoas que o rodeiam. Seguindo o pensamento dessa organização social e minimização aos padrões, Durkheim constrói:

[...] o indivíduo submete-se à sociedade e na submissão está a condição para que se libere. Liberar-se, para o homem, é tornar-se independente das forças físicas, cegas, ininteligentes; mas ele não o conseguirá, a menos que oponha a tais forças uma grande potência inteligente, sob a qual se abrigue: é a sociedade. Colocando-se à sua sombra, ele se põe de certa forma, sob sua dependência: mas esta dependência é libertadora. Não há nisso nenhuma contradição. (Durkheim, 1895 (2008):191)

Completando, para Durkheim «(...) a vida social não é outra coisa que o meio moral, ou melhor, o conjunto dos diversos meios morais que cercam o indivíduo»(1895 (2008):198). O homem é submetido aos fatos sociais para que possa se relacionar, ter suas escolhas sem que seja isolado, seguir regras sociais, sua vontade de comer, beber, vestir-se é totalmente influenciada por estas regras, que o fazem se sentir livre.

3 Conclusão

Sendo assim, a partir do enredo percebemos que não ocorreram mudanças definitivas em Alex, após ter sido submetido ao tratamento, não obteve orientações, nem suporte para que vivesse em uma sociedade considerada patológica. Pois não há mudança radical em um ser humano, pois ele mantém seu instinto animal, assim como é apontado nos estudos de Durkheim.

Kubrick tenta de uma maneira extravagante retratar a juventude que nascia nos anos 70. Sua perspectiva era um tanto negativa em relação ao que esta juventude faria no futuro, não era, entretanto equivocada, pois nas últimas décadas houve, realmente, uma inversão, ou melhor, uma perda de valores éticos e morais na sociedade. Ele nos faz pensar sobre os nossos valores, vai ao nosso íntimo e avalia o quanto temos reações controversas. Ao julgarmos Alex, estamos testando as nossas concepções ideológicas. Nos faz pensar que ao mesmo tempo que nos posicionamos como moralista agimos no nosso íntimo como imorais.

Hoje somos filhos daquela geração que revolucionou o século XX. As cenas do filme analisadas não nos causam tanto impacto quanto provocou aos nossos pais, pois já estamos, de uma certa maneira, acostumados com essa ultraviolência não comum a quarenta anos atrás. O Estado tenta, mas não consegue resolver essa situação que afeta os tecidos sociais, mas o fato é que acaba reprimindo-os, como um vulcão que a qualquer momento pode voltar a ativa. ■

REFERENCIAS

- BELO Warley Rodrigues
2001 «A Laranja Mecânica – Comentários Criminológicos sobre a Violência Juvenil», *Revista do CAAP [on line]*, 1:355-86, (acesso 28.11.2012), disponível em: <http://www2.direito.ufmg.br/revistadoacaap/index.php/revista/article/view/135/134>
- BURGESS Anthony. 2004
1962 *A Clockwork Orange*, Heinemann; (tr. port.: *A laranja mecânica*, São Paulo: Aleph, 2004).
- DURKHEIM Émile
1895 *Les règles de la Méthode Sociologique*, Paris: L. Felix Alcan, 1919; (tr. port.: *As regras do método sociológico*. 7. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2008)
- FARIA José Eduardo
1988 *Eficácia jurídica e violência simbólica: o direito como instrumento de transformação social*, São Paulo: EdUSP.
- MENEZES Paulo
1997 «Clockwork Orange: violence or violation?», *Tempo Social. Revista Sociologia*, 9, 2:53-77.
- SANTAELLA Lucia
1983 *O que é semiótica?* São Paulo: Brasiliense.

BIBLIOGRAFIA DE CONSULTA

- DIAS Jorge de Figueiredo e ANDRADE Manuel da Costa
1997 *Criminologia: O Homem delinquente e a sociedade criminógena*. 2. ed., Portugal: Coimbra
- ROBERTO Isabella
2008 «Crime e Castigo em A Laranja Mecânica, de Anthony Burgess Abordagem Criminológica dos Usos da Violência», *Via Panorâmica [on line]*, 1:59-82, (acesso 28.11.2012), disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5174.pdf>.